

# DISSERTAÇÃO DESSEMELHANTE: UMA PESQUISA *ESQUIZITA* PÕE A PENSAR A PESQUISA ACADÊMICA

Tarcísio Moreira Mendes

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFJF)

Bolsista UFJF

Membro do Travessia Grupo de Pesquisa certificado pelo CNPq

[tarcisiodumont@yahoo.com.br](mailto:tarcisiodumont@yahoo.com.br)

Sônia Maria Clareto

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFJF)

Líder do Travessia Grupo de Pesquisa certificado pelo CNPq

[sclareto@yahoo.com.br](mailto:sclareto@yahoo.com.br)

EIXO TEMÁTICO: Desejo de Futuro

## RESUMO

Em maio de 2017, nas redes sociais, um ataque paranoico a uma dissertação de mestrado em educação foi usado para questionar a racionalidade das produções das Ciências Humanas. Uma pergunta, direcionada ao Programa de Pós-graduação, ao autor e sua orientadora, põe a pensar: por que uma dissertação em formato tão dessemelhante foi defendida? Hoje, a racionalidade de todas as Ciências é atacada por um inconsciente fascista que se instalou no Estado. E ironicamente, os autores dos ataques à dissertação agora se sentindo vítimas da paranoia instalada, identificam como causa a doutrinação de “gurus da internet”. Problematiza-se, desse modo, como um delírio paranoico pode potencializar um inconsciente reacionário que vitima principalmente aquele que o produz. Sobretudo, como a denúncia do segregativo reacionário pode disparar potencialidades revolucionárias na pesquisa científica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa Acadêmica. Esquizoanálise. Esquizo-nomádico. Paranoico-segregativo. Luta Antifascista.

Uma dissertação desenvolvida no território da Educação – usando como armas o referencial teórico-metodológico dos trabalhos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, mais especificamente, a abordagem metodológica da cartografia e da esquizoanálise – sofre ataques nas redes sociais. Como efeito, a instituição solicita esclarecimento sobre a *decisão acerca da aprovação do trabalho naquele dessemelhante formato*. Isso põe a pensar pesquisa e a escrita na academia. Exercita-se o engendramento do pensar no pensamento acadêmico: um movimento de produção de pensares outros, distintos do pensamento hegemônico da área. A pesquisa cartográfica ou esquizoanalítica praticada na dissertação se coloca como um movimento em relação com o *fora*: o *fora* da pesquisa, o *fora* do já pensado, o ainda não pensado. Um *fora* que se coloca como resistência aos modos mais hegemônicos de pesquisar: a pesquisa que busca a solução de problemas e a pesquisa que busca por invariantes, universais. A função de um trabalho acadêmico se põe, neste âmbito, a produzir possíveis que aumentem a potência de vida, ou nas palavras do filósofo Spinoza, que promova paixões alegres. A dissertação em questão se põe a pensar uma educação *esquizita* para os modelos que pretendem impor um único modo semelhante de pesquisa. Propõe-se, também, a uma formação *bricoleur*: como um artista da bricolagem, o pesquisar se exercita como formação de *livre associação*. Um corpo nu no território da educação põe a pensar educação junto à arte da performance<sup>1</sup>. “O uso nomádico e plurívoco das sínteses conjuntivas opõe-se ao uso segregativo e bi-unívoco. O delírio tem como que dois polos, racista e racial, paranoico-segregativo e esquizo-nomádico. E entre os dois, tantos deslizamentos sutis e incertos, nos quais o próprio inconsciente oscila entre suas cargas reacionárias e suas potencialidades revolucionárias” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 144). Que efeitos são produzidos no encontro entre performance e educação? Paranoico-segregativo ou esquizo-nomádicos?

Intensificação da grande estranheza em relação ao processo midiático das chamadas “redes sociais” de onde parte uma “denúncia” em relação à referida dissertação. Tal denúncia se espalha rapidamente, roubando a

---

<sup>1</sup>Vídeo “Performance de uma qualificação de Mestrado em Educação”, fragmento do exame de qualificação de mestrado apresentado em 26 de março de 2014, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=k3zOtrWo8R4>. Acessado em 24 de out. de 2019.

atenção das tais redes sociais e, por conseguinte, do território acadêmico. Opiniões são emitidas sem que a dissertação seja sequer lida – uma paranoia midiaticizada. Sites, blogs e páginas em facebook se ocupam com um policiamento ideológico e moral – bi-unívoco e segregativo. A dissertação trata de política, de uma micropolítica que desdobra macropolítica de pesquisa, que se coloca como uma prática, uma ação política na construção de uma vida e de uma educação que aumentem a potência de agir no mundo, em variação, em que a diferença se coloca na promoção de diferença – aposta em potencialidades revolucionárias.

O site, que divulgou indiscriminadamente os ataques à dissertação, diz que se dispõe a fazer Ciência com racionalidade. Entretanto, não se ocupou em checar qualquer informação ou ouvir o que autoras do trabalho teriam a dizer. O mínimo de ética de quem se dispõe a fazer jornalismo ou produzir pensamento dito crítico: ouvir contraditórios, ser plurívoco. Hoje, com a explosão daquilo que já naquela época se mostrava, o fascismo ocupando redes sociais e meios de notícias e jornalismo, os que atacaram a dissertação nas redes sociais, agora se veem vítimas do fascismo que alimentaram dentro das universidades e fora delas. Loucura, não!? Agora, se põem como vítimas de “pesquisadores” que acreditam que a Terra é plana, que com certeza descendemos de Adão e Eva e que o aquecimento Global é uma estratégia globalista da esquerda culturalista para dominar o mundo. Hoje se veem vítimas do relativismo acadêmico que diziam combater, mas que, com suas práticas, ajudaram a endossar. Isto porque ao negarem o mínimo de racionalidade científica para atacar, inclusive, o que não é científico, abriram uma empreitada que, neste momento, é difícil de ser enfrentada.

Este artigo não vai se ater aos ataques medíocres à honra das pesquisadoras envolvidas na elaboração da dissertação de mestrado; nem mesmo na perseguição que se seguiu por distintas redes sociais, sempre contendo muita violência e discurso de ódio. Apesar de que esses são pontos importantes para se compreender a dinâmica e os mecanismos de funcionamento das chamadas redes sociais: tudo vira barril de pólvora e a destruição de tudo que cerca, um “indesejado”, é o desejo maior, prática constante, caminho trilhado – inconsciente paranoico. Na diferença disso,

tratará do teor, nada científico, do ataque e de seus contra-efeitos àqueles que o produziram.

O primeiro aspecto em destaque é a própria dinâmica de validação da produção acadêmica: a análise e avaliação pelos pares. Por se referirem a uma produção de uma comunidade acadêmica, a avaliação das teses e dissertações sempre são feitas por doutores da área, que têm condição científica e acadêmica para analisar o recorte escolhido, as fontes pesquisadas, a metodologia usada e, certamente, a inovação que tal pesquisa traria para área. O autor do ataque paranoico delirante reconhece tal competência, porém, não lança mão deste modo de proceder. Não consulta a comunidade acadêmica, nem mesmo especialistas da área. Ao que parece, o autor do ataque delira que ele mesmo teria condições, sozinho – com seus gostos e preferências, ideologias e moralidades, bi-unívoco e segregativo – de fazer tal crítica à dissertação, assim como à academia, ao campo das Ciências Humanas e seus modos de proceder, sugerindo, inclusive, que a banca fosse destituída. Loucura, não!?

O ataque usou a dissertação para justificar o desprestígio acadêmico a que as Ciências Humanas são, historicamente, acusadas em comparação às Ciências ditas Exatas ou Naturais. E para isso, outros aspectos a serem problematizados são a seleção das partes da dissertação: (1) o Resumo que traz um recorte do texto “Água Viva” de Clarice Lispector; (2) o *ABSTRACT* que exige que a leitora ou leitor aprenda a ler Português; (3) um vídeo, trecho de uma ação de arte da performance; (4) o local no qual foi hospedado o ataque, um site particular na internet. Segundo o autor do ataque, era absurdo que um pesquisador, financiado pela Capes, produzisse um trabalho de dissertação com estes aspectos, o que provaria a contribuição para o desprestígio das Ciências Humanas na Academia. Inclusive, um site reacionário, apoiador deste governo inimigo das Universidades Públicas, relacionou, a partir do primeiro texto publicado, a pesquisa de mestrado a professores que fariam doutrinação “petista” e “psolista” (sic) nas universidades. Hoje, o site da razão científica tenta denunciar os ataques do atual governo federal, que chama professores de doutrinadores, contra-argumentando que os verdadeiros doutrinadores não são os professores, mas os “gurus de redes sociais” (sic). Ironia, não!?

Talvez se, como em toda revista qualificada de divulgação científica, o site, que se considera defensor da “boa Ciência”, contasse com um grupo mínimo de editores ou de pareceristas qualificados, erros básicos, como falta de revisão bibliográfica e clareza nos métodos de análise nos seus textos divulgados, não fossem cometidos.

Aqui a semelhança entre o modus operandi dos gurus das redes sociais e do site que divulgou o ataque ao trabalho é grande, pois em ambos falta um corpo qualificado formado por pares da área. Aspecto importante, já que o autor do ataque, inclusive, cita o conhecido caso de Alan Sokal. Em 1996, Sokal teve um artigo que misturava pós-modernidade (vá saber que é isso) e gravidade quântica aceito num famoso periódico de estudos culturais, para provar a falta de rigor científico da área. O autor do ataque à dissertação expressa sua suspeita, dizendo que tinha a esperança que a dissertação tivesse também tal metodologia e objetivo. Nem tanto... A dissertação dessemelhante longe de desejar ser uma mentira para impor uma verdade universal é antes uma verdade para denunciar a ilusão da Verdade Universal. Ou antes, aponta que o desejo de rigor científico revolucionário consciente nem sempre é garantia de similitude com o rigor inconsciente reacionário. Neste sentido, talvez se o autor do ataque tivesse mais afinidade com a área de produção da dissertação, apostasse mais em um inconsciente nomádico que em um inconsciente bi-unívoco envenenado por jargões pós-modernos, não cometesse um dos erros mais graves e fundamentais de uma pesquisa científica: errar o nome do autor da pesquisa criticada e confundir defesa de mestrado com exame de qualificação.

O trabalho dessemelhante ocupa a Academia para produzir outras academias, exercitando-se em outras leituras e escritas. Desse modo, convoca um/a leitor/a por vir, um/a leitor/a que falta, que maquine sua criação, que esteja disposto/a a produzir corpo outro junto à experientiação da leitura. Poderíamos sustentar que a dissertação sabia que causaria polêmica. O que não seria verdade, dada a escuta ao alerta que Deleuze e Guattari, em seu brilhante “O que é a Filosofia?”, já fizera: não se faz filosofia com polêmica. A dissertação se ocupa em fazer ciência ou pensar outros modos de fazer ciência, sem pretender criar um Método Universal, uma Ciência Racionalista, um único modo de pensar. “Não somos científicos. Fazemos outra coisa. Que

fazemos então?” questiona um dos platôs da dissertação. Embora tenha conhecimento que sua produção não é direcionada especificamente a um grupo de intelectuais ou de pessoas, mas a quem se interessar. É *isso*. A dessemelhança aqui não é afronta de um delírio adoecido, paranoico-segregativo que pensa ter criado um novo parâmetro para determinar quem é ou não cientista, que é ou não Ciência, desejo fascista. Pelo contrário, a dessemelhança produzida pela dissertação pretende sim potencializar modos outros de vida, esquizo-nomádico, denunciar modos adoecidos e limitantes de pesquisa, potencializar devires revolucionários na pesquisa acadêmica.

Assim, o argumento de que a pesquisa foi financiada com dinheiro público e por isso daria a qualquer contribuinte o direito de questioná-la é verdade. Tão verdade como questionar o sistema educacional privado financiado por dinheiro público por meio de renúncias fiscais e que não tem permitido que futuros cientistas saiam minimamente formados e aptos a questionamentos éticos e científicos. Uma leitura breve e atenta do texto “Aparelho de Captura” de Deleuze e Guattari, no livro *Mil Platôs*, vol. 5, ajuda a perceber que nada produzido por nossa sociedade atual é possível sem a atuação do Estado, nem mesmo o dito sem rosto Mercado, que necessita de um Estado Mínimo para os donos do dinheiro, para que o Mercado funcione. Desse modo, dizer que apenas pesquisas produzidas com financiamento direto de agências de fomento seriam passíveis de crítica é falso. Aqui falamos de formação de cientistas e produção de conhecimento, o que a dissertação problematiza. Ou estaríamos abrindo precedente para que resultados de pesquisas financiadas por agências particulares não sejam questionadas? Aqui um alerta e que tem a ver com o ataque que as Universidades Públicas têm sofrido: é preciso prudência para que não nos tornemos vítima do desejo de destruição de nós mesmos. Pois sim, a dissertação tem um desejo de destruir, mas não destruir tudo e a qualquer custo. Deseja destruir certezas e, sobretudo, destruir formas que impedem outras vidas de serem possíveis. Uma coisa que a Ciência nos ajuda a pensar e que parecia ser a primeira ocupação do ataque à dissertação, é em um rigor com aquilo que produzimos. Ou dito de outra maneira, a produção tem que estar à altura de sua própria produção, não cabendo um relativismo tacanho, falseado num academicismo raso, apoiado em likes do facebook. Se hoje os racionalistas denunciam os ataques às

Ciências produzidos por gurus das redes sociais, é necessário também que, racionalmente, compreendam que algumas de suas ações, no passado, alimentaram esta inconsciência segregativa, reacionária, fascista que se manifesta. Neste sentido, é bom lembrar a grande diferença que Deleuze e Guattari produzem para designar um Estado fascista dos outros – o desejo de abolição total. Se já não posso mais desejar, é melhor que todos os outros desejos morram também.

O embate é sempre entre uma Ciência Maior – aparelho paranoico-segregativo, consCiência – e uma Ciência Menor – esquizo-nomádica, inconsciente – sempre funcionando uma em relação a outra, coexistência, deslizamento entre um polo e outro. Uma pesquisa dessemelhante produz um texto que maquina modos outros de viver e fazer educação e pesquisa em educação junto à arte, combatendo os desejos reacionários, apostando na plurivocidade para continuar a disparar potencialidades revolucionárias na pesquisa acadêmica. Apostando com Michel Foucault e seu prefácio escrito à edição francesa de “O anti-Édipo”, a dessemelhança aqui é uma introdução à vida não fascista na Academia.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 7.000 a. C. – Aparelho de Captura. In.: \_\_\_\_\_. Mil Platôs: – capitalismo e esquizofrenia 2, **Vol. 5**. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997/2012.

MENDES, Tarcísio Moreira. **Uma formação esquizita. Uma Educação bricoleur: processo ético e estético e político e econômico**. Dissertação (mestrado acadêmico). Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015. Disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/231>. Acessado em 30 de out. de 2019.